



IL agarrou diplomados e jovens, que largaram o Chega

PS continua preso aos mais velhos, a AD ganhou entre os mais qualificados

Texto DAVID DINIS
Infografia SOFIA MIGUEL ROSA

Quase metade dos que votaram nas eleições europeias têm educação superior: 47%, mostra a sondagem realizada pelo ICS e ISCTE para o Expresso e SIC na noite electoral. Trata-se de um valor significativamente mais alto do que tinha acontecido três meses antes, nas eleições legislativas (quando eram cerca de um terço), comprovando que a escolha dos eurodeputados chama às urnas sobre todo os mais qualificados. Curiosamente, se em eleições com maior abstenção se associa muitas vezes o voto aos mais velhos, não foi isso que se verificou a 9 de junho.

Certo é que a forte participação dos mais qualificados ajudou a IL a crescer para lá dos 9% de votos e a colar-se ao Chega. É que o partido representado nas europeias pelo ex-líder, Cotrim Figueiredo, teve 13% dos votos desta fatia de eleitores, face a apenas 7% do partido de André Ventura. O eleitor tipo da IL, versão Cotrim, é exatamente esse: 69% tem um curso superior na mão, um valor só aproximado ao do Livre e, um pouco mais à distância, ao do BE (60%).

21% dos que votaram decidiram apenas na última semana, um valor idêntico ao das legislativas

O Chega segue no caminho inverso: tal como foi nas legislativas, revelou-se bastante mais forte entre os que têm menos instrução — obteve 12% dos votos desses eleitores (contra 5% que liberais alcançaram). Acontece que a participação geral dos eleitores com ensino secundário agora desceu (de 41% para 38%), e a dos que não o completaram diminuiu mais ainda: apenas 15%, nove pontos percentuais menos do que em março.

Quem também beneficiou da mais ampla votação dos licenciados (ou mestrandos, ou doutorados) foi a AD, que recolheu mais votos neste segmento sociodemográfico: um em cada três votou na lista liderada por Sebastião Bugalho, sete pontos acima dos que votaram no PS. Tal como no caso do Chega, a menor participação eleitoral dos que têm secundário ou menos prejudicou Marta Temido (que chegou aos 39% destes eleitores, 11 mais do que a AD).

Como o PS ganhou (à tangente)

Mesmo assim, essa vantagem foi suficiente para a vitória dos socialistas. Talvez outros dados sociodemográficos recolhidos pelo ICS e ISCTE ajudem a explicar: o PS é mais forte entre as mulheres (teve 35% do voto delas, três pontos mais do que Bugalho) e nas europeias votaram ainda mais mulheres que os homens, 54%, (eram 51% nas legislativas). Acresce que, tal como em março, os mais velhos foram decisivos na vantagem: 48% votaram PS (precisamente como nas legislativas), só 31% na AD (um ligeiro crescimento em três meses). Vale a pena anotar: os mais velhos votaram, em proporção, ligeiramente mais do que nas legislativas: 24% da totalidade dos eleitores.

De resto, como anota nesta página o coordenador do estudo,

Pedro Magalhães (ver texto pág. 36), há “uma clara clivagem etária entre os eleitores, especialmente marcada no contraste entre, por um lado, o PS e a CDU” (com eleitorado mais velho) “e, por outro lado, a IL” (sobe oito pontos neste segmento, para 19% tornando-se no segundo partido mais escolhido até aos 35 anos a seguir à AD). Mas também o Livre confirma a popularidade entre estes eleitores, crescendo proporcionalmente face às legislativas.

A esquerda tradicional está no polo oposto, sendo menos forte entre os mais novos (Temido ganhou apenas dois pontos à percentagem conquistada por Pedro Nuno, ao passo que a CDU tem o dobro dos votos entre os mais velhos).

Jovens trocaram Chega por IL

Quer isto também dizer que, se em alguns países da União Europeia, os jovens foram decisivos para a ascensão da direita radical, em Portugal isso não se verificou: o candidato Tânger Corrêa obteve apenas 10% desses votos, bem abaixo dos 15% do PS (que volta a ter uma crise de juventude), dos 19% da IL — e mesmo a par dos 9% do Livre. Relativamente às legislativas, o Chega é confrontado com um tombo enorme, menos 15 pontos percentuais do que os que deram antes o voto a Ventura, passando de segundo partido com mais votos entre a juventude para quarto.

Olhando apenas para quem vota no Chega, resulta de novo claro que se trata de um partido de meia-idade: 63% dos seus votos são atribuídos pelos que têm entre 35 e 64 anos. Sem surpresa é também masculino (63%) e de instrução média (50%).

Já a AD, explica Pedro Magalhães, mantém-se como “o único partido histórico que ainda consegue manter um desempenho junto dos mais jovens não muito distante do que obtém junto da generalidade dos eleitores”. Equilíbrio, portanto.

O que parece ter vindo para ficar é a tendência para muitos eleitores decidirem o seu voto à última hora: nestas eleições europeias foram

O Livre ganhou mais espaço entre os que têm menos de 35 anos, quase igualando o Chega

21%, um valor a par dos indecisos antes do início da campanha oficial das legislativas. Curiosamente, o número sobe para 30% entre os mais jovens.

Quem mais ganhou com o voto de última hora foi o PS (captou 28% destes votos), acima da AD (26%), o que serviu para consolidar a ligeira vantagem que tinha no voto decidido antes da última semana face à AD, que era também de dois pontos. Na linha da frente, portanto, a reta final da campanha não mudou nada.

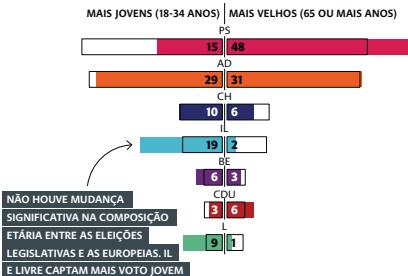
Na luta pelo terceiro lugar não foi o mesmo: antes da última semana, o Chega ia na frente (11% dos já decididos, face a 8% dos liberais). Mas Cotrim foi muito mais forte na reta da meta, conseguindo 13% dos indecisos, contra apenas 7% de Tânger Corrêa — tantos quantos escolheram nessa altura votar no Livre. As sondagens que indicavam o Chega em queda nos últimos dias estavam, portanto, corretas.

ddinis@expresso.empresa.pt

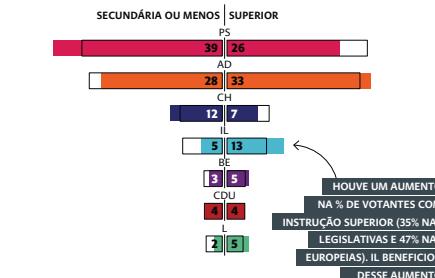
Como votaram diferentes grupos

Em comparação com o resultado total de cada partido no continente. Nas eleições para Parlamento Europeu (9 de junho de 2024)

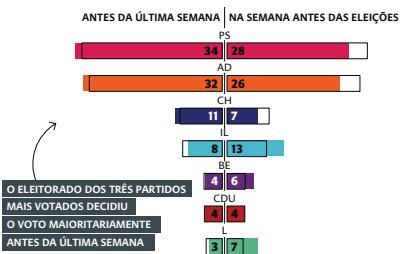
GRUPOS ETÁRIOS



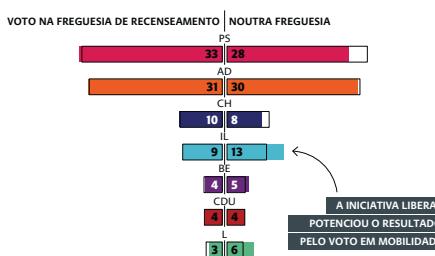
INSTRUÇÃO DOS VOTANTES



MOMENTO DA DECISÃO ELECTORAL



VOTO EM MOBILIDADE



FICHA TÉCNICA

Sondagem cujo trabalho de campo decorreu durante o dia 9 de junho de 2024. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GFK Metris. O universo da sondagem é constituído por indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos que votaram nas eleições europeias em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados aleatoriamente à saída de 20 locais de voto de 11 freguesias de Portugal Continental. As freguesias foram selecionadas aleatoriamente dentro de estratos definidos por região NUTS II e dimensão da freguesia, de forma a que no seu conjunto os seus resultados eleitorais reproduzissem os verificados no país ao longo das últimas eleições nacionais. Em cada freguesia, a amostra foi selecionada aleatoriamente tendo por base a utilização de um intervalo sistemático. A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal recorrendo a boletim de voto, que cada inquirido colocava posteriormente numa urna. Foram recolhidos 8673 boletins de voto. O trabalho de campo foi realizado por 82 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com os resultados das eleições europeias de 2024 no continente. A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 8673 inquiridos é de +/- 1%, com um nível de confiança de 95%. Todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%.